

# Um personagem de Rosa

“— Mundo velho, ventania! — brada Juca Bananeira, sustando o cavalo para apreciar a desfilada dos bois taroleiros, correndo de aspas altas: o débito fluido das patas, o turbilhão dos ângulos, o balouço dos perfis em quina, e o jogo veloz dos omoplatas oblíquos. — O burrinho pedrês, em Sagarana” (1946).

Lina de Albuquerque

**S**ÃO Paulo — Num pequeno pedaço de mundo chamado Cordisburgo, onde nascia no começo deste século um dos maiores mágicos do idioma, um personagem por ele encantando faz 90 anos. José do Espírito Santo Cruz, o “Juca Bananeira”, personagem do conto **O burrinho pedrês**, do fabuloso **Sagarana**, comemora hoje o seu nonagésimo aniversário na mesma casa em que o escritor e diplomata João Guimarães Rosa passou a infância.

Cordisburgo é também pedaço de Minas Gerais. Cidade miúda, 120 quilômetros distante de Belo Horizonte, pouco mais de 5 mil habitantes. Quando Juca Bananeira apareceu por lá pela primeira vez, com os pais e os 12 irmãos, Guimarães Rosa ainda não tinha nascido. Juca estava então com oito anos, vinha de Bananal (daí o apelido), próximo a Curvelo. O “seu” Florduardo Pinto Rosa, pai do escritor, mantinha uma “venda” tipicamente mineira ali, contígua à residência. Ele gostou do jeito atilado de Juca Bananeira, que se tornou seu vizinho na rua Padre João,

*José do Espírito Santo Cruz foi pagem do menino Joãozinho no começo do século e hoje se diverte fazendo gaiolas na Cordisburgo onde sempre viveu*

**Modelo de Juca Bananeira, do “Burrinho pedrês”, faz 90 anos**

e o chamou para ajudá-lo no caixa — lá eram vendidos os produtos da região, desde objetos de artesanato até temperos da cozinha local.

No ano seguinte, 1908, nascia João Guimarães Rosa — 27 de junho. Nas horas vagas, Juca começou a trabalhar também como seu “pajem”. Mais tarde, Joãozinho se revelaria um menino quieto, introspectivo, que passava longo tempo construindo pontes com palitos de dentes, para as formigas atravessarem. Desde muito cedo aprendeu a ouvir as verdades e invencionices sobre jagunços e boiadeiros contadas pelo falante Juca Bananeira.

Hoje a antiga casa de Juca é apenas uma modesta pousada de poucos quartos, o Hotel Argentina, o único da cidade. Há muito tempo, ele já se mudou de lá. A casa do escritor, pelo contrário, continua intata. Foi

Lina de Albuquerque

transformada, em 1974, em um museu onde estão expostos objetos de seu uso pessoal. Quem trabalha no local, agora, é um dos cinco filhos de Juca Bananeira, Chico Santo Cruz, de 39 anos, responsável pela preservação do Museu Casa Guimarães Rosa. Só que hoje Chico cuidará apenas dos preparativos da festa do pai. Entre os convidados — praticamente a cidade inteira, admiradores do escritor e os 14 netos do mineiro de Curvelo — está também o boiadeiro Manoelzão, outro personagem das histórias de Guimarães Rosa. Aos 84 anos, tão lúcido quanto o amigo Juca, ele vem de Andrequicé, entre Corinto e Três Marias, a duas horas de Cordisburgo.

Em **O burrinho pedrês**, Juca é um dos vaqueiros que conduz o velho burro “Sete-de-Ouros” pelas quatro léguas dos “pastos soltos do sertão sem fim”. Na tarde de hoje, ele deve conduzir até o museu, a alguns poucos quarteirões da casa onde mora, com a filha Tereza e sete netos, apenas o seu cavalo Roquenai, com a crina impecavelmente alisada por ele. Vaqueiro resistente, de pele secada pelo sol dos sertões, continua valdoso — mandou avisar que hoje veste as botas pretas, de couro cru, as mesmas que testemunharam suas viagens conduzindo boiada Brasil afora. Muitos desses percursos foram acompanhados pelo próprio escritor — “que sempre tomava notas da nossa falação no seu caderninho”. Juca Bananeira não se esquecerá ainda de apanhar o seu chapéu de boiadeiro, importantíssimo, do qual nunca se separa quando surge alguma oportunidade para fotografias.

Natureza alegre e expansiva, o longo Juca Bananeira chega aos 90. E tem saudade dos tempos em que tocava a boiada — “junto da boa companheirada”, provoca ele próprio a rima — para os estados da Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Tem saudade dos anos em que ia procurar “as moças bonitas na Gruta de Maquiné”, hoje principal ponto turístico da região. A gruta também deixou marcas em Guimarães Rosa. No seu primeiro livro, **Magma** (1936), até hoje inédito por vontade do autor, dedica à gruta um poema — “(...) Buracos negros, onde as pedras jogadas não encontram fundo, como os sonhos de um metafísico...”

Juca está feliz. Agradece hoje a longevidade a São Geraldo, seu santo protetor. Só se entristece por uma, duas coisas — para o seu aniversário não virão a mulher, Efigênia Batista da Conceição, que morreu em 1985, com 63 anos, e o menino Joãozinho, que em 1967 “encantou-se”. Cordis (do latim) burgo (do germânico) significa “Aldeia do Coração”.

